

SEÇÃO: Dossiê Fenomenologia e Hermenêutica

A IDADE DA TÉCNICA – UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A TESE DO ABSOLUTO TÉCNICO DE UMBERTO GALIMBERTI

The age of technique – A critical analysis of Umberto Galimberti’s technical absolute thesis

Fabio Caprio Leite de Castro¹

<https://orcid.org/0000-0002-5156-0492>

fabio.castro@puccrs.br

Resumo: A tese de Galimberti no livro *Psiche e Techne* é a de que vivemos na “idade da técnica”, uma era marcada pela crise do antropocentrismo, das idealizações sociais e das categorias humanistas. Para afirmar esta tese, Galimberti propõe uma complexa análise, a partir de conjunto de metodologias que vão, pouco a pouco, configurando a sua perspectiva. O objetivo deste artigo é compreender como se articulam essas metodologias para, posteriormente, colocar em relevo que a crítica de Galimberti à Heidegger termina por ceder a um modelo naturalista. Propomos um percurso hermenêutico que enfatiza três momentos do livro: (1) a técnica como condição do humano; (2) a passagem para a idade da técnica; e (3) a análise sobre o absoluto técnico. Depois desta análise concluímos com (4) uma interrogação sobre a possibilidade de reassumir uma abordagem fenomenológica não naturalista ante o primado da técnica.

Palavras-chave: Técnica. Absoluto Técnico. Totalitarismo. Fenomenologia.

Abstract: Galimberti’s thesis in *Psiche e Techne* is that we live in the “age of technique”, an era marked by the crisis of anthropocentrism, social idealizations and humanist categories. To affirm this thesis, Galimberti proposes a complex analysis, based on a set of methodologies that gradually shape his perspective. The aim of this article is to understand how these methodologies are articulated and, after that, highlight that Galimberti’s criticism of Heidegger ends up giving in to a naturalistic model. We propose a hermeneutic path that emphasizes three moments in the book: (1) technique as a human condition; (2) the transition to the age of technique; and (3) the analysis of the technical absolute. After this analysis, we conclude with (4) a question about the possibility of resuming a non-naturalistic phenomenological approach given the primacy of technique.

Key words: Technique. Technical Absolute. Totalitarianism. Phenomenology.

1 Introdução

O livro *Psiche e Techne – o homem na idade da técnica*, escrito pelo filósofo italiano Umberto Galimberti (2016/1999)², tornou-se uma referência para o debate sobre o

¹ Doutor em Filosofia (ULg - Bélgica). Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PUCRS).

problema da técnica e chama a atenção por sua atualidade, mais de 25 anos depois de sua publicação. Embora ainda pouco comentado no Brasil³ entre os estudos sobre o problema da técnica no campo da tradição fenomenológico-hermenêutica, o livro de Galimberti se mostra indispensável a este debate, especialmente por sua originalidade e por sua contundente visão sobre a “idade da técnica”.

O que se propõe neste artigo, com o devido distanciamento hermenêutico, é uma análise do livro de Galimberti, cujo objetivo é a formulação de uma interpretação conjuntural de suas metodologias e de sua tese. É evidente que, em se tratando de um livro extenso e cheio de nuances, a interpretação que se busca formular tem em vista os seus eixos essenciais de articulação, considerando o fio condutor metodológico de sua argumentação principal.

A tese de Galimberti é a de que vivemos na idade da técnica, uma era marcada pela crise do antropocentrismo, das idealizações sociais e das categorias relacionadas ao indivíduo. Para afirmar esta tese, o filósofo italiano propõe uma complexa análise, a partir de conjunto de metodologias que vão, pouco a pouco, configurando a sua perspectiva. Nosso objetivo é compreender como se articulam essas metodologias para, depois disso, colocar em relevo que a crítica de Galimberti à Heidegger termina por ceder a um modelo naturalista.

Propomos um percurso hermenêutico que enfatiza três momentos do livro: (1) a técnica como condição do humano; (2) a passagem para a idade da técnica; (3) a análise sobre o absoluto técnico. Somente depois desse percurso propomos (4) um questionamento sobre a possibilidade de reassumir uma abordagem fenomenológica não naturalista ante o primado da técnica.

2 A técnica como condição biológica e raiz psíquica do ser humano

No ponto de partida do livro *Psyche e Techne*, a hipótese de Umberto Galimberti sobre a idade da técnica é apresentada, por meio de uma “simbologia da técnica”, na qual o

² Para a citação deste livro, utilizaremos sempre a tradução (2006) e a versão italiana original (1999), seguidas de suas respectivas paginações. A fim de identificar mais rapidamente a passagem do livro nas citações, empregamos igualmente a numeração do capítulo. Todos os grifos do autor são mantidos nas citações.

³ Em minha pesquisa, não foi encontrado nenhum artigo ou comentário à obra de Galimberti no âmbito da filosofia. Apenas nas áreas da educação e das ciências sociais foram encontrados os três seguintes artigos, de maneira geral, favoráveis à perspectiva do filósofo, sem propor uma análise crítica sobre a sua argumentação: SOARES, 2010; YASIN; ANDRADE; BARLEM, 2020; ARTICA; ALMEIDA; GHEDIN, 2023.

filósofo recorre à imagem simbólica de Prometeu, dando voz ao mito prometeico.⁴ Nesta Parte 1 do livro, ele não faz referência ao mito como uma forma de sublinhar algum tipo de otimismo ou, ao contrário, de pessimismo sobre “Prometeu desacorrentado”, mas como uma forma de antecipar a sua interpretação sobre uma espécie de inversão na relação entre a natureza e a técnica: “A natureza não é mais horizonte [da técnica]” (GALIMBERTI, 2006, p. 30; 1999, p. 52). Ao contrário, sob o domínio da técnica, a natureza deixou de ser horizonte. Inclusive – e sobretudo – no campo da espiritualidade. É preciso ter em conta que a tese de Galimberti tem um sentido filosófico-teológico: “As mitologias perdem a sua força persuasiva. Técnica quer dizer, imediatamente, adeus aos deuses” (2006, p. 40; 1999, p. 60). Neste sentido, a previsão secreta de Prometeu sobre a queda de Zeus, que pode ser encontrada em *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, segundo a interpretação de Galimberti, encerra a idade mítica e abre a idade histórica, com a queda dos deuses e da visão mítica do mundo. Esta mesma tese desdobra-se ao longo de todo o livro, que subdividimos em três momentos ao longo do artigo, reservando o último ponto para um questionamento crítico.

Neste primeiro ponto da análise, proponho uma interpretação conjunta da Segunda Parte (Genealogia da Técnica) e da Terceira Parte (Psicologia da Técnica) do livro *Psiché e Techné*, considerando que é possível identificar nelas uma continuidade de sentido. O que está em jogo nestas duas partes é a explicitação das condições biológicas e psíquicas da técnica. Fica claro, pelo modo como Galimberti elabora o problema, que, inicialmente, ele propõe uma metodologia genealógica da técnica, o que lhe permite interrogar sobre como a técnica foi integrada biologicamente ao ser humano. É neste contexto, recorrendo a análises biológicas provenientes da antropologia filosófica de Arnold Gehlen (1987), que ele introduz o problema da necessidade de uma refundação da psicologia, com a qual a superação do dualismo alma-corpo haveria de ser conquistada por meio de uma psicologia da ação, na qual a técnica ocuparia o lugar, nada menos, do que o da “raiz da alma” (GALIMBERTI, 2006, pp. 88-93; 1999, pp. 100-104).

A primeira questão que emerge da leitura do texto é sobre o significado de uma “genealogia da técnica”. Não há propriamente uma definição do que esta genealogia viria a

⁴ Ademais, vale lembrar como a imagem de Prometeu foi revisitada por muitos autores do séc. XX para tratar do tema da técnica, v. g.: David S. Landes (2005), em seu diagnóstico sobre a Depressão de 1929 e sua visão favorável à modernização industrial e tecnológica; Hans Jonas (2006), em sua alusão crítica ao “Prometeu definitivamente desacorrentado”; Hans-Georg Gadamer (1995), em uma breve análise sobre Ésquilo.

significar. Somos levados a inferir que ela diz respeito à hipótese de que “o homem, para viver, é obrigado biologicamente a dominar a natureza e que a técnica, *medium* desse domínio, pertence à essência do homem como condição imprescindível de sua existência” (2006, p. 104; 1999, p. 113). Esta hipótese é levantada como um modo “genealógico” de responder (o autor não esconde, neste ponto, certa influência nietzschiana) a como o ser humano veio ao mundo.⁵

Desdobrando esta hipótese genealógica, o filósofo indica que a técnica não se mostra apenas como um artefato, um produto humano. Muito mais do que isso, ela se mostra como uma espécie de “pacto original entre o corpo humano e o mundo”, portanto, como dimensão integrante da própria existência, ou melhor ainda, como *condição da existência humana*. Isto é, do ponto de vista genealógico sobre como o ser humano veio ao mundo, seria preciso considerar, na condição humana, a sua carência biológica. É neste aspecto que a adesão de Galimberti à antropologia filosófica de Arnold Gehlen se mostra de modo expresso e nítido. Em relação aos animais, o ser humano possui uma carência biológica (no que tange ao tempo de amadurecimento fora do útero), uma carência instintual (relacionada à sua plasticidade pulsional, a qual carece de uma especialização pré-definida) e uma carência ambiental (não possui um ambiente natural pré-fixado) (GALIMBERTI, 2006, ppp. 108-109; 1999, pp. 117-119).⁶ Nesse sentido, o ser humano não se distingue do animal por ter algo “a mais” e sim porque tem algo “a menos”, uma “inadequação instintual”. (2006, p. 100; 1999, p. 110).

Neste sentido, diante da incompletude radical que caracteriza a natureza humana, o sentido genealógico da técnica é o de uma *compensação* das carências humanas. Este aspecto, ademais, foi representado há séculos pela mitologia grega por meio do mito de Epimeteu (que atribuiu aos animais todos os dons e deixou o ser humano sem nenhum atributo específico) e de Prometeu (que roubou o fogo de Zeus e o entregou aos mortais, como gesto compensatório). Nesse sentido, instalando-se no lugar biológico em que o ser humano articula a sua existência, entre o mundo presente e o mundo possível, a técnica se

⁵ É a perspectiva genealógica que permitiria explicar “a presença universal das religiões” (2006, p. 115; 1999, p. 123), uma vez que, enquanto a técnica ainda se mostrava impotente, é a religião que se apresentava como remédio para os problemas da vida.

⁶ Sobre a exposição desta tese, cf. Gehlen, 1987, p. 35-45.

desvela como *domínio da natureza*, a partir da necessidade que o ser humano tem de agir para sobreviver (GALIMBERTI, 2006, p. 162; 1999, p. 161).

Este sentido genealógico da técnica está profundamente ligado ao problema da alma (*psyché*) humana, razão pela qual Galimberti propõe, já no âmbito da genealogia da técnica, a necessidade de uma “refundação da psicologia”, de modo a superar os entraves teóricos que alimentaram, ao longo da tradição filosófica ocidental, o dualismo corpo-alma. A crítica ao dualismo é uma antiga preocupação do filósofo e faz ecoar outros de seus livros, sobre a psicologia fenomenológica e o problema do corpo (GALIMBERTI, 2002). O tema da Terceira Parte do livro *Psiche e Techne* é, precisamente, o da “Psicologia da técnica: a teoria da ação”, a qual resgata a crítica ao dualismo (divisão) corpo-alma, segundo Galimberti, um problema persistente ainda na psicologia contemporânea. Tanto o modelo *científico-naturalista*, por meio do reducionismo naturalista que ganham impulso a etologia, quanto o modelo fenomenológico-hermenêutico, em razão de um “subjetivismo ingênuo”, permanecem reféns do dualismo alma-corpo, do qual privilegiam um de seus aspectos (2006, pp. 179-180; 1999, pp. 175-176). Como superação de ambas as posições, Galimberti propõe uma *psicologia da ação*, a qual evitaria tanto o reducionismo biológico do psiquismo humano à biologia e uma perspectiva reativa, presa a um modelo reflexivo da ação humana.

O que propriamente significa uma psicologia da ação é algo que o autor pretende demonstrar ao modo de um desdobramento da genealogia da técnica. Nesta, a interrogação não perguntou pelo ser humano, mas foi sobre como o ser humano veio ao mundo. Do mesmo modo, a psicologia da ação não resulta da pergunta sobre a alma humana, mas sim sobre como, por meio da ação humana, tecnicamente orientada, se forma algo como a “interioridade” e a “exterioridade” da experiência psíquica do sujeito. A interioridade é gerada em relação à exterioridade em vista da qual ela se assume como subjetividade, não como substância, mas como uma “função de responder ao mundo criado pela ação”. (GALIMBERTI, 2006, p. 184; 1999, p. 179).

Tomando a ação como ponto de partida da psicologia, ao efeito de superar o dualismo mente-corpo, Galimberti propõe um caminho orientado pela problematização do corpo humano, que, gradualmente, esclarece o lugar em que a técnica se instala, na dialética ação-reflexão. A teoria da ação galimbertiana assume, neste caminho, quatro teorias distintas: a tese de Gehlen sobre a carência instintual; a tese de Freud sobre o excesso

pulsional; a tese de von Kleist sobre a origem da consciência como perturbação da motricidade; e a tese de Plessner sobre a excentricidade da consciência (GALIMBERTI, 2006, 185-209; 1999, p. 181-203).⁷ A teoria de Gehlen, em sua proposta de uma antropologia filosófica, permite realizar uma transição da biologia à psicologia, pela via da tese da carência instintual. Precisamente, neste mesmo campo teórico, Galimberti adota a teoria da pulsão freudiana, no sentido de distinguir a energia pulsional do instinto. “A casa da psique” constitui-se no intervalo entre a pulsão e a ação (2006, p. 191; 1999, p. 187). É ao nível da motricidade, ou melhor, da perturbação da motricidade, que Galimberti entende ser a origem da consciência, por uma crise que perturba a fluidez do ato motor, ao mesmo tempo em que se compõe a memória, pela via da reação ao primeiro ato motor, e a expectativa que julga. A origem da consciência encontra-se na mesma base de construção do “mundo construído”, em cuja raiz corpórea se situa a excentricidade, nos termos em que Plessner a entende, ou seja, a postura humana frontal em relação ao ambiente, não coincidente consigo, fora do centro. A partir destes quatro pontos fundamentais, Galimberti propõe, ainda, uma análise da percepção, da imaginação, da linguagem e do pensamento, temas que conduzem, paulatinamente, a um esclarecimento sobre como o problema da técnica está presente na psicologia. Podemos interpretar estas dimensões, que vão desde a percepção até o pensamento, como etapas da autonomização técnica – sendo a autonomia teórica aquela que mais perfeitamente se separa de seu ponto de partida. No entanto, observa Galimberti, o nível teórico, mesmo em sua pretensa autonomia, não se separa da exterioridade. Isto fica mais claro quando percebemos que ele somente é promovido como uma espécie de campo autônomo após sucessivas e diversas experiências do mundo, do mesmo modo como é sempre ao mundo que se voltam as previsões e aspirações futuras, pretensamente autônomas.

O efeito da técnica na psicologia de Galimberti se faz sentir quando adentramos as dimensões mais elaboradas do psiquismo humano, a linguagem e o pensamento, justamente em seu aspecto “exoneratório” da ação. A natureza “exoneratória” da linguagem como “substitutiva” da ação material e do pensamento como “autônomo” em relação a ação não se esgotam em si mesmas. Os mecanismos substitutivos da ação somente podem ser compreendidos se os localizarmos como etapa intermediária ao alcance da finalidade que é

⁷ Cf. Gehlen (1987); Freud (1975, pp. 29-590); Kleist (2006).

o domínio do mundo (GALIMBERTI, 2006, pp. 251-252; 1999, pp. 238-239). Em suma: “conhecimento é ação”, e isto porque o ser humano, diferentemente do animal, “não pode viver na natureza, mas só naquela elaboração da natureza de que a técnica é a expressão” (*Ibidem*).

Como condição biológica e raiz psíquica, portanto, a técnica é caracterizada por Galimberti como algo inerente, de modo exclusivo, ao ser humano. Do ponto de vista biológico, a técnica se apresenta como dimensão instrumental compensatória das carências humanas. Do ponto de vista psicológico, considerando que o psiquismo humano emerge da ação concreta no mundo, a técnica se instala na dimensão substitutiva e exoneratória da ação, exatamente como o elemento que garante a ampliação do domínio sobre o mundo. Ocorre que os modos de exoneração da ação humana foram transformados, modificados, aperfeiçoados ao longo da história. Ou seja, a própria técnica se transformou, *historicamente*, em termos de exoneração da ação humana. Nesse sentido, “a história da técnica, que marca a história do homem, é a *história de ações exoneradas*” (GALIMBERTI, 2006, p. 261; 1999, p. 247). Esse aspecto, no entanto, ultrapassa a análise das condições biológico-psíquicas da técnica.

3 O diagnóstico de Galimberti sobre o nosso tempo: a idade da técnica

A Quarta Parte, “Fenomenologia da técnica: a grande transformação”, marca uma importante transição metodológica no livro *Psiche e Techne*, para uma leitura, digamos, fenomenológico-hermenêutica, com a qual Galimberti elabora o argumento central do livro. Ao longo da história, a própria técnica sofreu uma transformação em sua essência. O sentido desta transformação não é captado apenas como decorrência das múltiplas acumulações de saberes técnicos e das grandes revoluções na modernidade. Galimberti propõe, na Quarta Parte, uma *fenomenologia da técnica*, com o intuito de demonstrar a transformação da técnica, de instrumento a horizonte último do mundo. Na Quinta Parte e na Sexta Parte, respectivamente, na semiologia da técnica e na sociologia da técnica, são apresentados os efeitos mais radicais e drásticos dessa transformação, tendo em vista o caráter totalizante da técnica. O diagnóstico sobre a idade da técnica, que tem seu impulso na análise fenomenológico-histórica, completa-se, portanto, com uma análise do mundo da técnica no presente, na qual o filósofo busca encontrar os sinais do desmantelamento do humanismo.

Aquilo que Galimberti chama de fenomenologia da técnica pode ser interpretado como a busca pelo sentido histórico do mundo da técnica. Em seu sentido cosmológico grego, a técnica baseia-se em um tempo cíclico e encontra-se submetida ao mundo natural, como o autor já aludiu ao tratar do mito de Prometeu na Primeira Parte. Ocorre que ela sofre uma primeira transformação com a decisiva influência da tradição judaico-cristã no Ocidente. A introdução do problema da “vontade” representa uma ruptura e uma nova concepção de mundo (pela criação), por meio da relação entre Deus e o homem, com um olhar voltado para o domínio e o futuro (escatológico), verdadeiro impulso das figuras do progresso na modernidade (GALIMBERTI, 2006, pp. 312-313; 1999, pp. 288-289). Este talvez seja o principal elemento da fenomenologia da técnica segundo Galimberti: a modernidade não representaria uma completa oposição à concepção judaico-cristã de mundo, mas, ao contrário, a modernidade dela depende inicialmente. Os exemplos apresentados pelo filósofo são a inscrição do projeto científico no universo teológico por Francis Bacon, René Descartes e Galileu Galilei (GALIMBERTI, 2006, pp. 318-331; 1999, pp. 293-304).⁸ Somente mais tarde, e de modo progressivo, ocorre uma emancipação da técnica em relação à ordem teológica, oriunda da matematização do pensamento moderno (GALIMBERTI, 2006, pp. 332-347; 1999, pp. 305-318). Embora o filósofo não o afirme expressamente, a sua argumentação se aproxima, neste ponto, da famosa tese de Husserl na *Crise das Ciências Europeias* (1976, *Hua VI*, §9º, pp. 20-59) acerca da matematização galilaica da natureza e tecnificação do mundo da vida.

Feitas essas elucidacões, Galimberti apresenta a sua tese desde uma perspectiva fenomenológica, para a qual identificamos dois momentos, a saber: (i) primeiramente, a técnica transforma-se de meio em fim, ocupando o lugar de uma mediação técnica universal para o atingimento dos fins; (ii) em seguida, suprime todos os fins no universo dos meios (GALIMBERTI, 2006, pp. 358-362; 1999, pp. 327-330). Isto é, um primeiro resultado da transformacão da técnica, com a revolucão industrial, é que os meios técnicos se tornam

⁸ Entre Galileu, Descartes e Bacon, é a obra deste último que desempenha maior importância no argumento de Galimberti sobre a inscrição do projeto científico da modernidade no universo teológico. Com efeito, a fim de ratificar a interpretação do filósofo italiano, no sentido de que a ciência moderna se inscreve no horizonte teológico, vale destacar as últimas palavras do *Novum Organum*: “For man, by the fall, lost at once his state of innocence, and his empire over creation, both of which can be partially recovered even in this life, the first by religion and faith, the second by the arts and sciences. For creation did not become entirely and utterly rebellious by the curse, but in consequence of the Divine decree, “in the sweat of thy brow shalt thou eat bread,” she is compelled by our labors (not assuredly by our disputes or magical ceremonies), at length, to afford mankind in some degree his bread, that is to say, to supply man’s daily wants. (BACON, 1902, p. 290).

mais e mais presentes e indispensáveis, como uma espécie de mediador universal para o atingimento dos fins. É assim, ademais, que se autonomiza o produto do trabalho em relação às finalidades para os quais este foi realizado. No entanto, em uma segunda etapa, instalando-se o primado da técnica, o próprio instrumento se autonomiza e se mostra superior sobre os fins.

Na perspectiva de Galimberti, sublinhamos que o primeiro momento ainda representaria uma adesão ao humanismo. Porém, no segundo, tanto a natureza quanto o ser humano se subordinam à técnica, ao modo da mudança da quantidade em qualidade: “A técnica era um simples *meio*, cujo significado era inteiramente absorvido pelo *fim*; mas quando a técnica aumenta *quantitativamente*, ao ponto de se tornar disponível para a realização de qualquer fim, então muda *qualitativamente* o cenário” (GALIMBERTI, 2006, p. 373, 1999, p. 339). Isso ocorre porque não é mais o fim que condiciona a aquisição de meios técnicos, mas é a maior disponibilidade técnica que define o horizonte dos fins que, por seu meio, podem ser alcançados. Ao final de um longo desenvolvimento, Galimberti se vale da noção de “mau infinito” que encontramos em Hegel⁹, não como uma forma de aderir à dialética hegeliana, mas como um conceito operatório que o conduz a uma explicitação sobre o funcionamento da técnica. Isto se passa na medida em que a expansão quantitativa da técnica produz, no estágio em que nos encontramos, a conversão da quantidade em qualidade (em termos da sociedade tecnológica). O efeito mais notável desta conversão é a dependência da ordem cognitiva à ordem técnica: enquanto meio absoluto para o alcance de finalidades, a técnica termina por se tornar a mais elevada síntese de todos os fins que com ela podem ser obtidos, ou seja, ela ruma para aquilo que Galimberti chama de “absoluto técnico” (2006, pp. 375-377; 1999, pp. 341-342).

Em sequência à fenomenologia da técnica, que introduz decisivamente um método fenomenológico para identificar a experiência histórica da transformação da técnica, Galimberti propõe, na Quinta Parte, uma “Semiologia da técnica: os sinais e as figuras”. Uma vez estabelecido o diagnóstico da transformação da técnica, considerando suas condições e motivações históricas, bem como o seu direcionamento final – o absoluto técnico –, a semiologia da técnica proposta por Galimberti visa aprofundar, na modernidade, o sentido da transformação da técnica. Este sentido somente pode ser compreendido se levarmos em

⁹ Cf., em especial, no primeiro volume, *A Doutrina do Ser*, em seu Segundo Capítulo, sobre o Ser-aí, cf. ‘C’ – A infinitude. (HEGEL, 2016, pp. 142-162).

consideração que a técnica não é apenas a condição biológica e psíquica do ser humano, com a qual este sobrevive e age instrumentalmente, mas a sua *condição interpretativa do mundo*. O sentido último da transformação da técnica expressa contundentemente o domínio da técnica como modo de disposição do mundo: “a técnica, antes de ser instrumento nas mãos do homem, é visão do mundo que decide a natureza da coisa e a qualidade do olhar” (2006, p. 392; 1999, pp. 354-355). Ao ocupar esse novo lugar, a técnica torna-se condição da interpretação humana e fornece, deste modo, o critério para a verdade e sua eficácia funcional: a verdade técnica. Neste ponto, Galimberti é mais taxativo em suas afirmações do que Husserl, ao afirmar que a modernidade não produziu apenas a “matematização da natureza”, mas a completa “tradução do mundo-da-vida no mundo da técnica” (2006, pp. 427-440; 1999, pp. 384-394).

Em outras palavras, com a modernidade, a técnica deixa de ser apenas uma condição biológica e psicológica do ser humano e de seu modo próprio de relação instrumental com o mundo, tornando-se, mais profundamente, a partir de sua expansão e do controle planetários, a condição da interpretação do mundo. Com isso, a técnica realiza um deslocamento, um descentramento do humano, tornando-se condição de sua experiência e de sua eficácia, na medida que toda verdade passa a ser medida como verdade técnica. É neste aspecto que se identifica o efeito reverso da técnica sobre o próprio ser humano: o domínio do ser humano sobre a natureza se transforma em *domínio da técnica*, tornando-se o ser humano ele mesmo objeto deste domínio.

Como instrumento e meio, a técnica foi levando o ser humano ao ápice de um antropocentrismo, até o ponto em que ela mesma passa a ocupar, inexoravelmente, o lugar do ser humano que, agora, passa a ser ele mesmo dominado pela técnica. O revés do absoluto técnico, realizado como mundo da técnica, é o fato de que o ser humano deixa de ocupar o fim último, ou seja, é o fim do humanismo, com a reificação do ser humano na era da técnica (GALIMBERTI, 2006, pp. 441-455; 1999, pp. 395-406). A nosso juízo, ao mesmo tempo em que a semiologia da técnica finaliza a fenomenologia da técnica, ela também prepara uma sociologia da técnica, cujo objetivo é descrever, mais detidamente, a crise das idealizações humanas.

A Sexta Parte, “Sociologia da técnica: as grandes idealizações”, completa as análises de Galimberti sobre a transformação da técnica e o seu diagnóstico sobre a técnica na

contemporaneidade. Não se trata mais de uma análise sobre a transformação da técnica e seus sinais, mas sobre a transformação, no presente, das grandes idealizações (cujo lugar passa a ser ocupado pela verdade técnica). O que Galimberti chama de “grandes idealizações” são as idealizações humanas cujo papel social foi validado por regimes de verdade que garantiram a sua eficácia (a ideologia, a política, da ética, da relação com a natureza, da religião e da história) (2006, pp. 459-598; 1999, pp. 407-522). No entanto, a partir do momento em que a técnica desloca o ser humano de sua posição, acarretando a crise do humanismo, também as suas idealizações colapsam. Para Galimberti, por exemplo, comunismo e capitalismo são exemplos de sistemas humanistas e pré-tecnológicos (2006, pp. 444-455; 1999, pp. 397-400), pois não alcançam o nível de racionalização em que o ser humano termina por ser identificado com a técnica, em sua progressiva reificação funcional. Ora, qualquer que seja a ideologia, a certeza é que esta depende da técnica. Em si, a técnica subordina todas as ideologias com suas idealizações e, neste movimento, termina por dissolvê-las, ameaçando levar consigo a política, a ética e a religião (2006, p. 492; 1999, p. 406).

No momento que a política se transforma em mera técnica funcional, ela está fadada ao ocaso. Não se trata mais de política em seu sentido integrador, mas de uma funcionalidade tecnicamente condicionada, em cuja resposta e decisão sobre problemas se encontra o elemento da objetividade avaliativa, produzida no plano da abstração analítica. Também a ética está em crise, pois ela não encontra mais em si mesma as respostas sobre o agir ético: “a ética celebra a sua impotência, a sua incapacidade para impedir que a técnica faça o que é capaz de fazer” (GALIMBERTI, 2006, p. 519; 1999, p. 457). Não mais a ética promove a técnica, como se pensou até a modernidade tardia, mas é a técnica que condiciona a ética, a partir de uma realidade artificial. Ademais, nesse mesmo sentido, é bastante contundente a crítica de Galimberti a Hans Jonas: o remédio de uma “ética da responsabilidade”, baseada na responsabilidade originária dos cuidados parentais dos pais em relação aos filhos recai, uma vez mais, em um novo modelo antropocêntrico para corrigir o limite antropocêntrico da ética tradicional.¹⁰ Diante do desvelamento, pela técnica, do cenário do imprevisível, sob a forma de consequências que podem brotar dos processos técnicos, a própria ética, em seu modelo humanista, se mostra insuficiente. No lugar da

¹⁰ Cf. JONAS, 2006, p. 89-97.

ética, entra em cena a regulação técnica dos comportamentos, em um “sistema homem-máquina, onde a direção passa para a máquina e onde os segmentos do comportamento humano podem ser reduzidos ao nível de partes de máquinas reguladas” (GALIMBERTI, 2006, p. 538; 1999, p. 473). O ocaso da política e a impotência da ética são acompanhados de uma inversão da relação com a natureza. Não mais uma terra a ser habitada ou dominada, mas a “usura da terra”, cujo horizonte último é a desnaturalização da natureza (2006, p. 555; 1999, p. 463).

Isso não é tudo. Segundo Galimberti, a secularização ganhou impulso com a concepção técnico-científica da modernidade, a qual nasceu condicionada por uma noção de domínio, a qual foi, por sua vez, paradoxalmente, promovida pela própria religião. Em sua perspectiva escatológica e de salvação, a religião (em especial a tradição judaico-cristã) preparou o terreno para inscrever a técnica ela mesma em um projeto de salvação. Assim, “a técnica levou a religião ao seu crepúsculo, e com a religião, a história que nasceu da visão religiosa de mundo” (2006, p. 570; 1999, p. 498). Nesse sentido, o fim da história não deve ser pensado como a consumação de uma totalidade, mas como conflagração do sentido histórico. A técnica passa ocupar, inclusive, o próprio lugar da história, dissolvendo-a no fluir insignificante do tempo (2006, pp. 591-598; 1999, pp. 516-522). E, no entanto, é o *caráter afinalista da técnica* que, tomando o lugar da história, se transforma no horizonte da autocompreensão humana.

Com a análise da dissolução das ideologias e da degradação de todas as dimensões mencionadas (política, ética, relação com a natureza, religião e história), Galimberti completa o que interpreto como segundo movimento do livro e que oferece as bases argumentativas de sustentação da sua tese sobre a idade da técnica. No entanto, resta ainda um último desenvolvimento, na Parte 8, que se volta para os sinais do futuro técnico – um futuro em que as categorias humanistas se mostram como obsoletas formas da compreensão humana.

4 O absoluto técnico: a degradação das categorias humanistas e a ameaça totalitária

Na Sétima Parte do livro, “Antropologia da técnica: sinais do futuro”, também a mais longa de todas, encontramos o estágio mais profundo das análises de Galimberti, cuja pretensão é a de demonstrar a completa inadequação das categorias humanistas para compreender o ser humano de hoje, isto é, na idade da técnica. Termos que ainda ecoam algum tipo de humanismo, como “indivíduo”, “identidade”, “liberdade”, “reconhecimento” e

“psique” já não são mais capazes de designar o horizonte de compreensão no qual se estabelece a idade da técnica. Em outras palavras, na idade da técnica, todas essas categorias, originadas em uma idade pré-tecnológica, se mostram insuficientes ou inadequadas.

De acordo com Galimberti, em uma época regida pela tecnocracia e pelo automatismo do aparato técnico, não é mais a singularidade do indivíduo o que importa, mas a sua perfeita adaptação funcional ao sistema, com o declínio da especificidade individual e o esgotamento da ilusão do indivíduo (2006, pp. 601-626. 1999, pp. 525-546). Por incrível que possa parecer, o grau de objetividade conferido ao indivíduo homologado pela técnica como funcionário, termina por resolver um antigo conflito, oriundo da cisão entre identidade pessoal pública e privada. No regime absoluto da técnica, resolve-se definitivamente a identidade pessoal na funcionalidade: “uma vez que o mundo da técnica instaura o primado das competências sobre os indivíduos (...), é o mundo da competência que gera as ações dos indivíduos e os indivíduos mesmos como seus funcionários” (2006, p. 640; 1999, p. 558). Isto é, não são os indivíduos que realizam ações competentes em um certo leque de possibilidades; é o mundo da competência técnica que orienta a ação dos indivíduos-funcionários, como meras “personificações” das competências técnicas.

Não apenas as noções de indivíduo e de identidade se tornam obsoletas na contemporaneidade. Juntamente com elas, a moderna concepção de liberdade termina por esbarrar na dissimulada escravidão estabelecida pelo aparato técnico (2006, pp. 649-679; 1999, pp. 565-590). Em um mundo tecnológico no qual o indivíduo se torna função, sua liberdade se transforma em mera competência. O efeito mais visível desta transformação é o narcisismo cultural, no qual a aparente autorrealização narcisista é, na verdade, uma máscara que esconde o auto-aprisionamento induzido pela técnica (2006, pp. 677-678; 1999, pp. 588-589).

Ocorre que, mesmo em uma cultura na qual se promove a irrelevância da escolha por uma liberdade impotente, o jogo do reconhecimento ainda se coloca e se regula pela via do agir instrumental. Neste ponto se delineia, para o fato de que o ser humano se torna a mais importante matéria-prima da técnica, algo como uma compensação. A completa subordinação do ser humano ao aparato técnico tem como compensação o sentimento infantil de onipotência, o “sentimento oceânico” em relação ao aparato técnico (2006, p.

686; 1999, p. 596). O preço a pagar por esse modelo de reconhecimento é a dissolução diante do condicionamento constante à homologação) de si ao mundo instrumental-técnico (2006, pp. 712-713; 1999, pp. 617-618), ou seja, diante da necessária homologação de si ao sistema técnico, sem o qual a própria experiência não é mais possível. Transformado em mera representação pelas mídias, o mundo não apenas acontece em vista de sua representação, *o mundo é a sua representação* (2006, p. 727, 1999, p. 629)¹¹, portanto, completamente submetido à técnica. Este emaranhado técnico da experiência, por meio das mídias de massa, estimula a transformação antropológica na direção de uma codificação e legibilidade do mundo, caracterizada por uma despotencialização da experiência (sob a forma da não-participação, da despublicização do público e da desprivatização do privado), sintetizada pela imagem do “monólogo coletivo” (2006, pp. 722-741; 1999, pp. 625-641).

Chegamos, com isso aos dois últimos capítulos do livro, peças fundamentais no contorno final da tese de Galimberti. Os sinais mais visíveis da degradação das noções de indivíduo, identidade, liberdade e reconhecimento são encontrados no próprio psiquismo. No capítulo 53, “A casa da psique e a queda de suas paredes”, o filósofo apresenta o argumento de que não é possível que a brutal transição descrita, de um modelo de técnica antropocêntrico à idade da técnica, não traga consigo um efeito sobre o psiquismo humano, sob a forma da absorção deste mesmo psiquismo pela racionalidade, bem como por múltiplas neutralizações daí resultantes (da diferença entre exterioridade e interioridade, entre superfície e profundidade, entre passividade e atividade). A completa exteriorização da alma tem por efeito a “despsicologização da alma” e a perda de intimidade, juntamente à depressão do sentimento (2006, pp. 742-786; 1999, pp. 642-679). Não é à toa, para Galimberti, que as formas de estranheza da alma em psicopatologia contemporânea, que vão do autismo às mais radicais formas de psicose, se expressam, de maneira ampla, como ausente sincronização entre mundo humano e mundo técnico (2006, pp. 785-786; 1999, pp. 677-679).

O livro reserva o último capítulo para uma derradeira abordagem sobre “O totalitarismo da técnica e a implosão de sentido” (2006, pp. 787-829; 1999, pp. 680-715). No

¹¹ Mundo e representação encontram, nessa passagem do livro de Galimberti, uma ressonância schopenhauriana (SCHOPENHAUER, 2005), mas em um novo sentido. O mundo não apenas acontece em vista de sua representação: somente nos é dado habitar em um mundo tecnicamente codificado como uma espécie de mega-aparelho em rede.

absoluto técnico, revela-se algo como a autorreferencialidade da técnica. Isto é, ao tornar-se meio absoluto, a técnica se torna desvinculada de qualquer horizonte de fins, produção de sentido ou limite, como foi sublinhado desde a Parte 4, sobre a fenomenologia da técnica. Nesse cenário, não encontramos nem a promessa prometeica nem a promessa bíblica, que aludiam a um progressivo domínio do ser humano sobre a natureza, mas o automatismo e a sua potencialização, aos quais o ser humano se torna decisivamente inferior. (2006, p. 787; 1999, p. 680).

Na idade da técnica, a alienação já não é gerada pelas relações de propriedade, mas pelo “desenvolvimento afinalista do aparato técnico”. (2006, p. 799; 1999, p. 690). O sofrimento que se produz na total perda de sentido ou indiferença não é um tipo de experiência da dor, mas a *experiência como dor (Ibidem)*. A esta, são apresentadas formas terapêuticas ou medicamentosas como modelos de cura, cujo objetivo é “combater não a insensatez da experiência, mas o sentimento que lucidamente percebeu a insensatez da experiência”. (*Ibidem*). É por essa razão que os remédios “pré-tecnológicos” não parecem fazer frente à experiência da insensatez da busca de sentido, regida por um niilismo muito mais radical do que aquele que fora descrito na filosofia, pois se trata de um *niilismo da técnica*, um niilismo presente nos imperativos da técnica, cuja moral é totalmente instrumentalizada. O evento paradigmático que marca o ato de nascimento da técnica é a experiência do campo nazista: experiência marcada por uma “irracionalidade que nasce da perfeita racionalidade de uma organização”.¹²

Ao final do capítulo 54, “O totalitarismo da técnica e a implosão de sentido”, Galimberti propõe o item 7, intitulado “*Ainda não anoiteceu*”, com o qual conclui o livro. Isso ocorre depois de 828 páginas de análises implacáveis sobre a técnica, sem perder o fôlego e sem concessões, levando o leitor a uma espécie de desespero, uma vez que a idade da técnica não parece deixar saídas, aberturas, nem mesmo uma pequena brecha. No entanto, somente neste último e pequeno item (de duas páginas) Galimberti afirma que a técnica *ainda não é totalitária*, na medida em que quatro quintos da humanidade, segundo ele, vivem de “produtos” técnicos, mas não ainda com uma “mentalidade” técnica. (2006, pp. 828-829; 1999, pp. 714-715). Ou seja, embora o diagnóstico não seja reconfortante, ainda

¹² Essa passagem da introdução (2006, p. 24; 1999, p. 47), que se repete ao final do livro (2006, p. 827; 1999, p. 714), faz ecoar a tese biopolítica de Giorgio Agamben, em especial, “O Estado de exceção como paradigma de governo” (2004, pp. 9-50).

não anoiteceu. Recordando que a técnica é a essência do ser humano, ou seja, a sua condição, ele dá a entender que, apesar de todos os riscos da atual inadequação psíquica, incluindo a ampliação da sua compreensão do “desmesurado”, estaria a sua suave esperança. E, assim, o livro termina com uma misteriosa e frágil esperança, sobre a qual o filósofo silencia.

5. Sobre a possibilidade de reassumir uma abordagem fenomenológica ante o primado da técnica

O que propomos para concluir nossas análises é justamente a elaboração do sentido desta última observação de Galimberti, uma vez terminado o longo e complexo caminho proposto pelo filósofo. Podemos pensar, simplesmente, que o silêncio de Galimberti ao final do livro é um silêncio metodológico, que demarca os limites do livro. Em outros termos: a sua tese identifica, de modo interdisciplinar, a idade da técnica, mas não se ampliaria a um juízo valorativo ou à proposição de soluções para um absoluto técnico vindouro. No entanto, temos de questionar o que significa “não anoiteceu”, se o conjunto do livro, ao contrário, parece induzir-nos ao beco sem saída que é o absoluto técnico. Este silêncio, com uma margem de esperança injustificável nos faz lembrar, inevitavelmente, como sintoma, das últimas frases de Heidegger (2000) em sua conferência “A pergunta pela técnica”. Depois de apresentar um quadro inescapável da contemporaneidade sobre a essência da técnica, Heidegger termina esta famosa conferência fazendo uma alusão a Hölderlin¹³, criando um efeito retórico para indicar que, talvez, na técnica, possamos encontrar uma chave de leitura sobre o problema do Ser (*Seyn*).

Fazendo ressoar essa expressão em um exercício hermenêutico retrospectivo, é inevitável perceber que Heidegger está presente no livro de Galimberti, seja como inspiração, seja a pretexto de contundente oposição. O subtítulo do livro, que carrega a tese de uma “idade da técnica” faz, com efeito, alusão implícita e inafastável à expressão heideggeriana¹⁴, mesmo que Galimberti não o diga expressamente. Na abertura da introdução de *Psiche e Techne* (2006, p. 7; 1999, p. 33), já a epígrafe (entre as múltiplas

¹³ O verso de Hölderlin citado por Heidegger é “Wo aber Gefahr ist, wächst – Das Rettende auch”. E a última frase de Heidegger nesta conferência, comentando este verso é: “Je mehr wir uns der Gefahr nähern, um so heller beginnen die Wege ins Rettende zu leuchten, um so fragender werden wir. Denn das Fragen ist die Frömmigkeit des Denkens”. (HEIDEGGER, 2000, GA 7, pp. 35-36).

¹⁴ Afirma Heidegger, em *Para quê poetas?: “Der Mensch des Weltalters der Technik steht in solchem Abschied gegen das Offene”*. (1977, GA 5, p. 294).

epígrafes que constituem uma característica do livro), é de uma passagem do livro de Heidegger, intitulado *Serenidade* (2000b, p. 21): o inquietante não é a transformação do mundo em um completo domínio da técnica, mas que o ser humano não esteja preparado para essa mudança radical. Eis um bom indício de com qual pensamento Galimberti pretende dialogar, precipuamente, no horizonte do seu livro.

Galimberti aproxima-se das considerações de Heidegger sobre o fato de que o ser humano não tem poder sobre a técnica: “Apesar da distância que nos separa de Heidegger, para quem a técnica é uma forma de desvelamento da verdade, (...) análogas são as considerações de Heidegger sobre a ‘empregabilidade’ [*Bestellbarkeit*] do homem na idade da técnica” (GALIMBERTI, 2006, p. 660; 1999, p. 574). Ou seja, a posição de Galimberti é próxima a de Heidegger no sentido do diagnóstico heideggeriano sobre a perda de controle humano sobre o domínio da técnica, mas dela diverge acerca do que é a verdade da técnica.

O principal ponto de divergência de Galimberti em relação a Heidegger é que a verdade, na idade da técnica, não é mais desvelamento, mas prática de domínio. (GALIMBERTI, 2006, p. 386; 1999, p. 349). Ou seja, a técnica exerce um tal poder de eficácia sobre a verdade que nem mesmo a sua estrutura de desvelamento é preservada. Heidegger teria chegado próximo desta tese, segundo Galimberti, ao identificar na pro-vocação da técnica uma forma de correspondência ao conceito de verdade – como *aletheia* – (2006, pp. 547-548; 1999, pp. 480-482), fazendo igualmente emergir a noção de “produção” para se referir ao artesão e ao artista. Em outras palavras, Heidegger queria posicionar a compreensão do problema da técnica, desde a potencialidade oculta, na antiga ideia de *physis*, embora tenha sido a tradição judaico-cristã que introduziu uma radical mudança no problema da verdade (*Ibidem*). É justamente neste ponto que se encontra a tese nevrálgica de Galimberti do primado da ciência e da técnica como *corrente teológica*, que ele elabora na fenomenologia da técnica.

Para fundamentar esta posição, Galimberti recorda no primeiro item do capítulo 33, “A mudança judaico-cristã do sentido grego de verdade”, que a verdade, na acepção hebraica, é “*emet*”, que significa fazer o que Deus prescreveu ao homem. Assim, de acordo com a acepção hebraica de verdade, que se faz no tempo, emerge um primado do fazer sobre o contemplar. A contemplação está associada ao desvelamento, de acordo com a noção grega de verdade (2006, pp. 318-319; 1999, pp. 293-294). Não se dar conta disso,

como ocorre na interpretação de Heidegger (ainda que este tenha indicado e investigado a mudança de sentido na palavra “verdade”), significa “não compreender a razão da mudança e, sobretudo, sua irreversibilidade, porque, se o mundo for interpretado com categorias judaico-cristãs, não será possível pôr nenhum limite à técnica e aos efeitos de sua expansão”. (2006, p. 320; 1999, p. 294).

Assim, a divergência de Galimberti em relação a Heidegger, fundamentalmente, é quanto à afirmação da técnica como *modo de desvelamento*. Antes de ser uma forma de desvelamento, como contemplação (no *theorein*), já existe sobre o mundo a ação humana que o promove e que fixa nele as estabilidades de onde parte o agir técnico para criar as condições de existência do ser humano (2006, p. 175; 1999, p. 172). Em outras palavras, se a técnica se mostra *condição da existência humana*, a sua essência somente pode operar enquanto essência do próprio ser humano, não por um desvelamento original da natureza em sua inocência, mas por uma abertura que já se dá diante de uma natureza dominada pelo agir técnico. Não é o desvelamento, mas sim o agir técnico que é a condição da existência humana.

A tese galimbertiana é muito bem construída e, ao mesmo tempo, faz emergir um inquietante sentimento diante do quase totalitarismo da técnica. Podemos interrogar-nos sobre as razões que levaram Galimberti, em um profundo diálogo com Heidegger, a buscar um distanciamento de sua posição. Duas parecem ser as razões para isso, se levarmos em consideração a obra heideggeriana. A primeira é o tom decadentista e catastrófico com o qual Heidegger trata o tema da técnica em sua obra, articulado sempre em um nível filosófico, a partir da questão da verdade. Galimberti vale-se das mais diversas metodologias justamente para mostrar que uma efetiva análise do problema e do diagnóstico sobre a idade da técnica exige um amplo diálogo com a psicologia, a fenomenologia, a sociologia e a antropologia. A segunda é a enorme dificuldade com que o tema da natureza é elaborado na filosofia heideggeriana, antes ou depois da viravolta (*Kehre*). Não obstante a originalidade de Heidegger em todas as suas tentativas de explorar o tema da *physis*, é inevitável reconhecer as suas inúmeras dificuldades em pensá-la como expressão do problema do ser. Contra ambas as tendências do pensamento heideggeriano, Galimberti propõe, como vimos, a transposição do problema da técnica para o campo da ação humana. No entanto, e aqui reside o ponto que pretendo sublinhar: ao fazer este gesto, Galimberti constrói as bases para

o seu argumento, mas deixa escapar uma dimensão essencial da fenomenologia, o que trará consequências para a sua própria leitura. Trata-se da *naturalização da existência*.

Ainda no início da Parte 2, sobre a genealogia da técnica, Galimberti propõe a seguinte interpretação: “Existe um sentido em que é possível trazer para o nível *biológico* o significado da definição heideggeriana, segundo a qual ‘a essência do homem é a existência’” (2006, p. 82; 1999, p. 95). Este sentido é o de não tomar a ek-sistência, o ek-sistir humano, dimensão presente, no “ápice da evolução”, mas desde o início, em uma perspectiva genealógica, onde o que aparece é uma natureza “carente”, que seria a verdadeira diferença entre o ser humano e o animal. Não é à toa que a teoria de Arnold Gehlen emerge no argumento de Galimberti: é a teoria da carência proveniente da antropologia filosófica de Gehlen que lhe permite construir a sua “genealogia” e fazer este giro metodológico. Transportando o problema da ek-sistência a uma dimensão naturalizada, Galimberti pretende construir a ideia, como vimos, de que a técnica é condição biológica e raiz do psiquismo humano. Essa hipótese funciona como o solo no qual se funda a sua hipótese da idade da técnica.

No entanto, e aqui apresentamos a nossa hipótese interpretativa, os efeitos desse gesto metodológico comprometem completamente uma perspectiva fenomenológica sobre a técnica, se é que o objetivo de Galimberti já não é mesmo o de abandoná-la. A Parte 3, dedicada à psicologia da ação, mostra que o autor não é indiferente ao modelo fenomenológico em psicologia, mas parece transformá-lo em um apêndice à sua teoria da ação. Esta teoria é proposta por Galimberti como uma forma de “superação do dualismo”, representado por uma leitura de orientação científico-naturalista e outra fenomenológico-hermenêutica (2006, p. 179; 1999, p. 175). O que o autor não coloca em questão é o fato de que a psicologia fenomenológico-hermenêutica, desde o seu nascimento (com Husserl, Binswanger, Boss etc.), não pretende invalidar os modelos experimentais, mas sim realizar uma espécie de recuo que discuta e garanta as suas verdadeiras bases filosófico-epistemológicas de evidenciação. Ao rejeitar essa perspectiva, procurando uma via que não seja nem a de uma orientação nem a de outra, o que Galimberti acaba por apresentar é uma teoria da ação que mais serve à orientação naturalista. Partindo da questão pulsional para pensar o problema da motricidade e, enfim, da consciência, o filósofo termina por incidir em uma leitura naturalista da ação, a qual, ademais, pode ser perfeitamente encontrada na

teoria do aparelho psíquico da psicanálise freudiana. O ponto de maior contato com a fenomenologia na sua teoria da ação é o capítulo sobre a “excentricidade da alma” (2006, pp. 201-209; 1999, pp. 196-203), onde as questões fenomenológicas da corporeidade, embora reconhecidas, são, na verdade, reivindicadas a partir da tese de Helmuth Plessner (2006) sobre a excentricidade do humano, a qual Galimberti absorve em uma perspectiva que se aproxima do naturalismo. Prova disto é a reiteração de sua leitura naturalizada de Heidegger nesta passagem: “Há vida – ou como diria Heidegger, *‘ek-sistência* – só quando a pessoa não está simplesmente no mundo, mas sim quando ela *ek-siste*” (2006, p. 204; 1999, pp. 198-199). É nítida a equiparação do problema da existência à questão biológica neste trecho, que o filósofo já havia apresentado na passagem em que propõe transpor o problema da existência a um nível biológico.

A mais notável consequência de tudo isso é a leitura que Galimberti faz sobre a linguagem, como “substituto da ação”. Ora, a linguagem não é apenas uma forma de exoneração da ação. Primeiramente porque ela mesma, em sua dimensão originariamente pragmática, configura formas de ação e, inclusive, amplifica as possibilidades de ação mediante os processos de significação. O movimento de uma peça passa a ser uma jogada de xadrez, uma palavra pronunciada articula-se como comando, um papel assinado torna-se uma promessa – tudo isso graças à linguagem. Com isso, Galimberti perde a oportunidade de pensar uma psicologia efetivamente fenomenológica, que introduza a dimensão da ação em sua profunda conexão com os problemas do psiquismo corporificado e da linguagem em sua dimensão ontológica. Dessa forma, corre-se o risco de perder de vista o principal para a caracterização da idade da técnica, que é o pensamento fenomenológico com o qual ainda é possível descrevê-la e renovar a reflexão sobre os seus próprios limites ecológicos.

6 Considerações finais

Na passagem para o século XXI, Galimberti consegue mostrar em seu livro como o problema da técnica permanece como uma questão fundamental de nosso tempo. A sua insatisfação com a perspectiva heideggeriana parece-nos legítima, no sentido de que existe uma conhecida dificuldade no pensamento de Heidegger – dada a radicalidade com que coloca o problema do Ser – em estabelecer um diálogo com as hermenêuticas particulares e com as ciências, em especial a biologia. Nesse sentido, é tarefa da fenomenologia problematizar não apenas a mundaneidade do mundo, *mas a Terra como ecossistema*, ou

seja, a vida, no sentido de questionar sobre o pertencimento vital dos processos humanos. Isso não significa, entretanto, optar por um modelo de antropologia filosófica que termine por reduzir a carência do ser humano ao elemento natural, como acontece em Arnold Gehlen. Pois isso significaria perder de Heidegger – e talvez do movimento fenomenológico como um todo – precisamente, o mais importante: a recusa ao naturalismo.

Galimberti, no entanto, acerta em muitas de suas análises. É bem verdade que a ciência moderna, associada ao capitalismo, valeu-se da matematização da natureza e de sua respectiva naturalização do ser humano. No entanto, é preciso sublinhar que uma tal intenção, em sua eficácia, esconde algo: precisamente, o mundo da vida. Esta é a tese fenomenológica central, que já se encontra em Husserl, à qual podemos recorrer para transpassar um nível descritivo em direção a um nível crítico. No entanto, se a crítica fenomenológica ainda se faz possível, é porque reconhecemos que as questões existenciais, embora dependentes de uma época, até podem ser modificadas em superfície, mas se mostram mais perenes do que o abalo das categorias sociais e antropológicas, as quais parecem fraquejar na idade da técnica.

Uma resposta ao problema da idade da técnica por meio do pensamento de Galimberti assume a roupagem de um mistério, mas, na verdade, beira à impossibilidade. Pois qual seria a resposta humana à técnica diante da taxatividade com que o autor alega ter ocorrido a falência das categorias humanistas, sobre as idealizações sociais e sobre as categorias individuais? Qualquer resposta que ouse encontrar uma saída a um tal cenário dependeria da afirmação de que ela ainda é humana: só isso garante, de fato, que “ainda não anoiteceu”. Indo ainda mais longe: caso estejamos diante da falência completa das categorias relacionadas ao ser humano, então sequer seria possível propor o tipo de interpretação que conduziu o livro como um todo, pois toda e qualquer interpretação, no campo da linguagem, se instaura a partir do compreender.

Sem dúvida, é necessário reconhecer, em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica, que as categorias substancialistas de indivíduo ou sujeito, nos termos da modernidade mecanicista, estão superadas, por estarem presas à onto-teologia, mas isto está longe de eliminar a dimensão antropológica dos “existenciais”, relacionados ao mundo, à corporeidade, à relação com o outro e à morte. Porém, tendo abandonado por completo a dimensão ontológico-existencial do problema, por uma espécie de naturalização, é o próprio

Galimberti que parece ceder à técnica: não obstante ele escreva, ainda, desde uma posição humana, demasiado humana.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARTICA, Andrea; ALMEIDA, Sandra Rejane Viana de; GHEDIN, Evandro. “Relação entre técnica, ciência e tecnologia: um olhar filosófico de Habermas e Galimberti”. *Revista Eletrônica Psiqueduca*, vol. 15, nº 39, 2023, pp. 544-548.

BACON, Francis. *Novum Organum or true suggestions for the interpretation of nature*. New York: Collier & Son, 1902.

FREUD, Sigmund. *Die Traumdeutung*. Studienausgabe. Vol. III. Frankfurt am Main: Fischer, 1975, pp. 29-590.

GADAMER, Hans-Georg. “La mort comme question”. *Langage et vérité*. Trad. Jean-Claude Gens. Paris : Gallimard, 1995, pp. 113-127.

GALIMBERTI, Umberto. *Il corpo*. Opere – Volume 5. Milão: Feltrinelli, 2002 [1983].

GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne: l'uomo nell'età della tecnica*. Milão: Feltrinelli, 1999.

GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

GALIMBERTI, Umberto. *Psichiatria e fenomenologia*. 8ª ed. Milão: Feltrinelli., 2003 [1979];

GEHLEN, Arnold. *El hombre: sua naturaleza y su lugar en el mundo*. Trad. Fernando-Carlos Romero. 2ª ed. Salamanca: Sígueme, 1987.

HEGEL, Georg. W. F. *Ciência da lógica. A Doutrina do Ser*. Trad. Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Die Frage nach der Technik (1953). Gesamtausgabe, Vol. 7 – Vorträge und Aufsätze*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000a.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000b.

HEIDEGGER, Martin. *Wozu Dichter? Gesamtausgabe, Vol. 5 – Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana 6. 2ª ed. Haia: Martinus Nijhoff, 1976.

JONAS, Hans. *Princípio Responsabilidade – Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Trad. Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

KLEIST, Henrich von. *Über das Marionettentheater*. Leipzig: Insel Verlag, 2019.

LANDES, David S. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até os dias de hoje*. Trad. Marisa Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PLESSNER, Helmuth. *I gradi del organico e l'uomo. Introduzione all'antropologia filosofica*. Trad. Ubaldo Fadini. Turim: Bollati Boringhiere, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Primeiro Tomo. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. "Educomunicação e terceiro entorno. Diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero". *Comunicação e Educação*, vol. 15, nº3, 2010, pp. 57-66.

YASIN, Janaína Cassana Mello; ANDRADE, Gustavo Baade; BARLEM, Edison Luiz Devos. "A sensibilidade moral e o uso de tecnologias do cuidado sob a perspectiva de Galimberti". *Research, Society and Development*, vol. 9, nº 5, 2020, e84953188.

Recebido em: 27/08/2024

Aprovado em: 22/10/2024

Publicado em:22/11/2024